



UMA ANÁLISE DOS DIAS LITÚRGICOS DE LEVÍTICO À LUZ DAS FORMAS ELEMENTARES DE VIDA RELIGIOSA DE ÉMILE DURKHEIM.

Rafael Rotondaro Pereira (IC) e Sérgio Santos (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os tópicos que contribuem para uma análise social religiosa por meio das relações que podem ser traçadas entre os dias litúrgicos do livro de Levítico e da metodologia sociológica religiosa apresentada em "As Formas Elementares da Vida Religiosa". O desenvolvimento deste estudo envolveu uma intensa jornada de pesquisa e análise dos referidos livros. Ao término do projeto, emerge a conclusão de que a análise conjunta dessas obras literárias oferece indicações significativas para uma investigação social, destacando importantes aspectos como crença e rito, sagrado e profano. A interconexão entre os dias litúrgicos descritos em Levítico e a abordagem sociológica de Durkheim proporciona uma compreensão mais ampla das dinâmicas religiosas e sociais, contribuindo assim para a expansão do conhecimento nas áreas da sociologia da religião e estudos culturais. O presente trabalho apoia-se na interdisciplinaridade, conectando elementos teológicos e sociológicos, e oferece uma possibilidade para futuras investigações que busquem aprofundar a compreensão das complexas interações entre a fé e as estruturas sociais.

Palavras-chave: Levítico; Liturgia; Durkheim.

ABSTRACT

The present research aims to analyze the topics that contribute to a social religious analysis through the relationships that can be drawn between the liturgical days in the book of Leviticus and the religious sociological methodology presented in "The Elementary Forms of Religious Life." The development of this study involved an intensive journey of research and analysis of the aforementioned books. Upon completion of the project, it becomes evident that the joint analysis of these literary works provides significant insights for social investigation, highlighting important aspects such as belief and ritual, the sacred and the profane. The interconnection between the liturgical days described in Leviticus and Durkheim's sociological approach offers a broader understanding of religious and social dynamics, thereby contributing to the expansion of knowledge in the fields of sociology of religion and cultural studies. This work is grounded in interdisciplinarity, connecting theological and sociological elements, and offers a



possibility for future investigations that seek to deepen the understanding of the complex interactions between faith and social structures.

Keywords: Leviticus; Liturgy; Durkheim.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe uma ampliação e inserção dos temas crença e rito, sagrado e profano no contexto da análise do calendário litúrgico de Levítico, utilizando a metodologia sociológica de Durkheim. A investigação busca aprimorar a compreensão das interações entre o aspecto social e teológico, destacando a importância da crença e dos rituais na formação de costumes que promovem a união dos indivíduos como sociedade.

Ao explorar as bases religiosas que fundamentam a construção desses conceitos, a pesquisa visa obter uma compreensão mais abrangente das normas e valores que guiam a vida social em comunidade. Aprofundar-se nesse conhecimento proporciona uma compreensão holística de um dos pilares da estruturação social frequentemente negligenciado, evidenciando a relevância da dimensão religiosa na formação de hábitos e na promoção da convivência harmoniosa.

As ideias de Durkheim trabalhadas para o desenvolvimento dos tópicos abordados nesta pesquisa se encontram em seu livro “As Formas Elementares de Vida Religiosa”, livro este que foi editado originalmente em 1912, e traduzido para o inglês em 1915, a obra surge de uma mudança de itinerário intelectual de Durkheim que durante os anos de 1894 – 1895 dedicou-se mais seriamente ao estudo da religião, chegando a afirmar que “Até 1895 não consegui ter uma ideia clara do papel essencial que desempenhava a religião na vida social. Foi neste ano quando, pela primeira vez, encontrei a maneira de abordar sociologicamente o estudo da religião. Foi para mim uma revelação.” (Depoimento in Steven Lukes, Émile Durkheim: su vida y su obra. Madrid, Siglo XXI, 1984, p.236).

O livro “As Formas Elementares de Vida Religiosa” trabalhado nesta pesquisa tem como objetos centrais o estudo da religião mais simples que se conhece, visando determinar as formas elementares da vida religiosa que, para Durkheim, são mais facilmente obtidas através de religiões primitivas. O livro também traz à tona a gênese das noções fundamentais do pensamento humano. As formas elementares, são abordadas como os alicerces sobre os quais as religiões mais complexas se desenvolveram, oferecendo uma visão aprofundada das raízes do pensamento religioso e das estruturas sociais que emergem a partir delas. Ao explorar esses aspectos, neste livro, Durkheim busca elucidar como a religião influencia e é influenciada pela dinâmica social, destacando a importância da religião na coesão social e no desenvolvimento das categorias básicas do entendimento humano.

A análise do calendário litúrgico de Levítico, à luz da metodologia sociológica de Durkheim, revela não apenas a função instrumental da lei litúrgica como guia de conduta, mas também destaca a dimensão simbólica presente nos ritos e crenças. Esses elementos



desempenham um papel crucial na manutenção da coesão social, tornando-se expressões do sagrado que unem os membros da sociedade em torno de valores compartilhados.

Por outro lado, a distinção entre o sagrado e o profano emerge como um elemento-chave na compreensão das práticas sociais. A pesquisa visa explorar como essa dicotomia influencia a organização da vida em comunidade, delineando fronteiras que definem o espaço sagrado e o espaço profano. Compreender como essas categorias interagem e influenciam o comportamento individual e coletivo contribui para uma análise mais profunda da dinâmica social.

Assim, este trabalho tem como objetivo elucidar os tópicos que contribuem para uma análise social religiosa através das relações que se pode traçar entre os dias litúrgicos do livro de Levítico e da metodologia sociológica religiosa apresentada no livro “As Formas Elementares de Vida Religiosa”.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Do estudo da religião e liturgia.

A religião, vasto campo de estudo, muitas vezes é alvo de equívocos e mal-entendidos quanto à sua estruturação. Para uma compreensão verdadeira, é imperativo libertarmo-nos de preconceitos arraigados, permitindo-nos uma abordagem metodologicamente orientada. A necessidade de elucidar aquilo que escapa à nossa compreensão é uma constante, tanto para os crentes quanto para os descrentes, impelindo-os a tentativas de representação. No entanto, é crucial reconhecer que tais esforços, frequentemente desprovidos de um método coeso, devem ser evitados, a fim de iniciar um estudo autêntico.

Neste contexto, o enfoque no aspecto litúrgico dos ritos religiosos assume uma relevância inestimável. A liturgia, enquanto cerimônia e prática ritualística, constitui a espinha dorsal de muitas tradições religiosas. É através dela que os fiéis estabelecem uma conexão íntima com o divino, transcendendo o plano material em busca de uma espiritualidade mais profunda.

Ao analisarmos os ritos litúrgicos, deparamo-nos com um intrincado tecido de símbolos, gestos e palavras carregados de significado. Cada ritual é uma manifestação simbólica da cosmologia e da cosmovisão da respectiva tradição, conferindo-lhe uma identidade única e inigualável. Por meio da liturgia, os crentes se inserem na narrativa sagrada, vivenciando-a de forma tangível e participativa.

Portanto, ao empreendermos o estudo da religião, é imprescindível dedicar uma atenção especial ao seu componente litúrgico. Somente ao compreendermos as profundas

camadas de simbolismo e significado contidas nos ritos religiosos, poderemos vislumbrar uma apreciação autêntica das práticas devocionais que moldam e enriquecem a experiência espiritual de inúmeras pessoas ao redor do mundo.

Da vida religiosa em Levítico.

O livro de Levítico se caracteriza por tratar principalmente dos deveres dos sacerdotes, do serviço no tabernáculo, das diretrizes para adoração, leis sobre a pureza cerimonial, leis morais e dias santos. Essa forma de configuração social detalhada e pautada em aspectos religiosos é ideal para análise sociológica que propõe Émile Durkheim em seu livro as formas elementares de vida religiosa. Para Durkheim a ideia de religião se afasta da ideia de ilusão, pois dificilmente um fenômeno constante ao longo da história dos homens poderia ser resultado de mero equívoco.

Pautando-se na metodologia sociológica de Durkheim, o livro de Levítico ilustra de maneira vívida a transição de uma instituição de crenças para uma instituição social por meio da divisão de uma tribo para as responsabilidades sagradas na comunidade, centralizadas no tabernáculo. Este fenômeno revela-se como um espaço interno no qual se manifesta uma consciência coletiva, indicando que as crenças religiosas se entrelaçam intrinsecamente com a dinâmica social. Nesse contexto, as representações religiosas, conforme observado pelo prefaciador de “As Formas Elementares de Vida Religiosa” Renato Ortiz, assumem um caráter coletivo, sendo expressões compartilhadas que refletem as realidades da comunidade como um todo. Em consonância, o papel desempenhado pelo livro de Levítico na unificação do pensamento do povo de Israel torna-se evidente ao estabelecer normas tanto para práticas religiosas quanto civis, proporcionando um arcabouço normativo que promove a coesão social ao orientar de maneira uniforme as ações de toda a comunidade. Levítico não apenas delineia rituais, mas se revela como um instrumento fundamental na consolidação da identidade e coesão entre os membros da comunidade israelita.

Durkheim concebe a ideia de que:

“religião é um sistema solidário de crenças segundas e de práticas relativas as coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos as que a ela aderem. A religião é coisa eminente coletiva.” (Durkheim, 2001, pag. 79).

A luz do livro de Levítico vislumbra-se como a abordagem de Durkheim enfatiza a importância do sagrado na criação de uma solidariedade social. As crenças e práticas religiosas não são apenas rituais isolados, mas elementos que constroem e mantêm a coesão dentro de uma sociedade. Ao definir o sagrado como algo separado e proibido, ele destaca a

função de distinguir o espaço sagrado do profano, estabelecendo limites e normas que orientam a conduta dos membros da comunidade. A religião, nesse sentido, não apenas proporciona um sistema de significados compartilhados, mas também serve como uma força integradora que une os indivíduos em torno de valores e símbolos comuns.

Do tabernáculo e da igreja.

Na concepção de Durkheim, a igreja representa uma maturidade nas questões religiosas que vai além de uma simples localidade. Para ele, "uma sociedade está unida pelo fato de conceber, da mesma maneira, o mundo sagrado e suas relações com o mundo profano, e de traduzir essa concepção comum em práticas idênticas; é o que se chama de igreja" (Durkheim, 2001, p. 75). Isso significa que a igreja, para Durkheim, é a expressão de uma consciência coletiva que partilha uma visão comum do sagrado e do profano, manifestando essa visão por meio de práticas e rituais compartilhados.

Ao lermos o livro de Levíticos, nos deparamos com o tabernáculo, que à primeira vista pode parecer uma simples localidade, quando na realidade, ele é a materialização dos costumes e crenças da comunidade israelita. Quando analisado através do prisma dos dias litúrgicos, o tabernáculo revela uma seriedade muito maior, representando a organização e a estrutura da vida religiosa e social daquele tempo. O tabernáculo não é apenas um local físico, mas um símbolo da presença divina e um centro de adoração e sacrifícios, refletindo a importância das práticas rituais na manutenção da ordem social e espiritual. Essas práticas, detalhadamente prescritas no livro de Levíticos, demonstram a seriedade com que os rituais eram conduzidos, enfatizando a centralidade da religião na vida cotidiana do povo. Através do tabernáculo, podemos ver como as crenças e os costumes eram integrados na estrutura social, conferindo um significado profundo e uma coesão à comunidade. Essa perspectiva sublinha a interdependência entre a religião e a vida social, mostrando que o tabernáculo era, de fato, uma expressão concreta das práticas e valores fundamentais que sustentavam a sociedade.

As descrições acerca do tabernáculo podem ser encontradas em Ex 26;1 – 27;21, nestes dois capítulos são discutidas as dimensões do tabernáculo como sua altura, este tinha cerca de 13,5 metros de comprimento, 4,5 metros de largura e 4,5 metros de altura. Sua estrutura que era feita de tábuas de acácia revestidas de ouro, encaixadas em bases de prata, e era coberto por quatro camadas de material: a primeira camada era feita de linho torcido de cor azul, púrpura e escarlate, com querubins bordados; a segunda camada era de tecido de pelo de carneiro tingido de vermelho; a terceira camada era de couro; e a quarta camada era de um outro tipo de couro de origem incerta, possivelmente de texugo ou golfinho. Sua

orientação que possuía seu lado aberto para o leste e sua parede curta para o oeste. Internamente, era dividido em duas partes: o Santo dos Santos, onde ficava a Arca da Aliança e que era separado do Lugar Santo por um véu de linho fino com querubins bordados; e o Lugar Santo, onde estavam o candelabro (Menorá), a mesa dos pães da proposição e o altar do incenso. Quanto a entrada do tabernáculo, esta era voltada para o leste, possuía uma cortina de tecido de linho. No pátio, que tinha aproximadamente 45 metros de comprimento por 22,5 metros de largura, havia uma cerca de linho fino de 2,25 metros de altura. O portão do pátio, localizado na parte oriental, tinha cerca de 9 metros de largura e era feito de linho fino bordado com azul, púrpura e escarlata. No meio do pátio, estava o altar dos holocaustos, feito de madeira de acácia revestida de bronze, onde os sacrifícios eram oferecidos. Também no pátio estava a pia de bronze, usada pelos sacerdotes para lavarem as mãos e os pés antes de entrar no tabernáculo. As colunas que sustentavam as cortinas do pátio eram de bronze, com ganchos e ligaduras de prata, e o tabernáculo era sustentado por cordas e tendas para maior estabilidade. Essas características conferiam ao tabernáculo uma função religiosa e cerimonial, além de uma estética rica em detalhes e simbolismos. A Figura 1 apresenta uma representação dos elementos descritos.

Figura 1 – Replica 3D do Tabernáculo



Fonte: Wikipedia (2024)

Entendimento de crença e rito.

O estudo da religião no meio social deve ser observado segundo dois prismas “As crenças e os ritos. As primeiras são estados de opinião, consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados.” (Durkheim, 2001, pag. 67). Segundo a



separação feita por Durkheim conclui-se que a crença existe em nosso imaginário e se torna real quando a exercemos através do módulo de ação conhecido como rito, esta relação existente entre crença e rito aduz ao que conhecemos como fenômenos religiosos.

Sobre uma análise mais minuciosa pode-se deduzir que:

“Os ritos não podem ser definidos ou diferenciados das outras práticas humanas, especialmente das práticas morais, senão pela natureza especial de seu objeto. Uma regra moral, com efeito, nos prescreve, assim como um rito, maneiras de agir, mas que se dirigem a objetos de gênero diferente. Portanto é o objeto do rito que deveria caracterizar o próprio rito. Ora, é na crença que a natureza especial desse objeto está expressa. Só pode, pois, definir o rito após ter definido a crença.” (Durkheim, 2001, pag. 68).

Capta-se que a distinção entre crença e rito é fundamental para compreender a dinâmica intrínseca da experiência religiosa. Ambos os aspectos se entrelaçam de maneira inextricável, sendo mutuamente dependentes para a sua existência. Em outras palavras, não há a prática de rituais desvinculada de um sistema de crenças, assim como não existe uma crença desprovida de suas manifestações rituais. Essa interconexão profunda entre crença e rito revela uma similitude marcante entre os módulos da prática moral e religiosa, diferenciando-se apenas pelo objeto que lhes é peculiar. Ao reconhecer essa interdependência, emergem perspectivas esclarecedoras sobre a natureza complexa e interativa das experiências humanas, evidenciando que, tanto na esfera moral quanto na religiosa, a interação entre crença e prática é essencial para a compreensão plena desses fenômenos intrincados.

Da distinção entre Sagrado e Profano.

A concepção que de praxe não abandona os ritos conseqüentemente todo escopo da liturgia é a de sagrado e profano, caracterizada principalmente por sua hierarquia:

“Mas se uma distinção puramente hierárquica é critério, ao mesmo tempo, muito geral e muito preciso, para definir o sagrado em relação ao profano não resta senão a sua heterogeneidade. Entretanto, o que faz com que essa heterogeneidade de seja suficiente para caracterizar essa classificação das coisas e para distingui-lo de qualquer outra é o fato de que ela é muito particular: ela é absoluta. não existe na história do pensamento humano outro exemplo de duas categorias de coisas tão profundamente diferenciadas.” (Durkheim, 2001, pag. 70).

Percebe-se que a absoluta heterogeneidade entre o sagrado e o profano confere a cada um papel definido e irreduzível na estrutura ritual. Enquanto o sagrado é imbuído de uma aura intocável e apartada, o profano representa a esfera mundana e cotidiana. A reverência e a sacralidade atribuídas ao sagrado durante os rituais ressoam na forma como os praticantes se distanciam do profano, criando, assim, uma experiência única e inigualável. A profundidade dessa diferenciação transcende a mera hierarquia; ela se torna a própria essência da experiência religiosa, moldando as práticas e crenças de forma inextricavelmente

ligada à separação entre o que é sagrado e o que é profano. Aduz-se ao abismo do qual separa ambos os conceitos como aquele que melhor os caracteriza.

Para dar mais ênfase e especificidade ao tipo de relação que a coisa sagrada possui com o profano Durkheim ressalta que:

"A coisa sagrada é, por excelência, aquela que o profano não deve, não pode impunemente tocar. Os dois gêneros não podem se aproximar e conservar ao mesmo tempo sua natureza própria. Os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas" (Durkheim, 2001, pag. 72).

Vale notar que a noção intrigante da separação intransponível entre o sagrado e o profano nesse contexto enfatiza a sacralidade como uma esfera intocável, exigindo uma reverência especial. A distinção rígida entre essas categorias sugere a existência de fronteiras cuidadosamente delineadas para preservar a natureza única do sagrado. A presença dos ritos como reguladores do comportamento humano diante do sagrado destaca a importância das normas nos ritos litúrgicos e na interação com o divino. Essa análise aponta para a complexidade das relações entre o homem e o sagrado, provocando reflexões sobre as implicações culturais e psicológicas dessa dicotomia fundamental.

Dos símbolos em Levítico.

O entendimento de símbolo segundo Durkheim é fundamentalmente ligado à representação do mundo social. Para ele, os símbolos são componentes essenciais das representações coletivas que uma sociedade elabora, expressando suas ideias, valores e crenças compartilhadas. Durkheim destaca que os símbolos não são simplesmente sinais ou representações superficiais, mas têm uma função mais profunda na vida social, servindo como veículos para a expressão e reafirmação da identidade coletiva de um grupo.

Os símbolos religiosos em Levítico representam não apenas conceitos abstratos, mas também o próprio Israel de maneira transfigurada, pois os símbolos religiosos são imagens mentais que expressam o mundo das coisas sociais, ou seja, representam aspectos fundamentais da vida em sociedade. Portanto, os símbolos não são apenas objetos de reflexão, mas devem ser decifrados em relação à sua conexão com a realidade social que representam.

Essa visão de Durkheim sobre os símbolos sobreposta ao livro de Levítico revela uma compreensão complexa das representações, onde os símbolos são vistos como mediadores entre a consciência individual e a realidade social. A verdadeira significação dos símbolos reside em sua relação com os referentes sociais, e não apenas em sua aparência superficial. Assim, os símbolos desempenham um papel crucial na construção e na expressão da vida social, fornecendo uma linguagem comum através da qual os membros da sociedade podem se conectar e se identificar uns com os outros.

Das festas e celebrações judaicas em Levítico.

Para compreender de forma mais clara e detalhada quais festas litúrgicas eram apropriadas para esse povo e período específico, é essencial desmembrá-las e estudá-las de maneira minuciosa. Isso implica não apenas uma análise superficial, mas uma investigação profunda que permita entender o contexto histórico, cultural e religioso em que essas celebrações estavam inseridas. Para isso, é necessário aplicar uma metodologia rigorosa, como a adotada nos estudos Holman da Bíblia King James, que oferece uma abordagem criteriosa e detalhada das Escrituras. Essa metodologia não apenas ilumina o significado e a relevância das festas, mas também as conecta com as tradições e práticas da época. Portanto, a seguir, será apresentada uma análise que segue esses princípios, oferecendo uma visão mais completa e esclarecedora sobre o tema:

Páscoa – Ocorre durante Nisã (mar/abr); é referenciada em Êx 12:2-20; Lev 23:5. Relembra a libertação de Israel do Egito quando no primeiro mês do ano o Senhor falou a Moises e Arão que dissessem a toda congregação que cada homem deveria tomar para si um cordeiro sem defeito, tomarem o seu sangue e colocassem na verga da porta das casas em que comerem para que quando o Senhor ferir todos os primogênitos do Egito o sangue na verga das portas sirva como sinal para a praga não entrar em vossas casas. É celebrado por meio de uma grande festa que envolvia toda comunidade de Israel.

Festa dos pães ázimos – Ocorre durante Nisã (mar/abr); é referenciada em Lv 23:6-8. A festa dá início no decimo quinto dia do primeiro mês; tem duração de sete dias; todo fermento é cuidadosamente retirado das casas, pois representa impureza; e é realizada a leitura do Haggadah.

Pentecostes – Ocorre durante Sivã (maio/jun); é referenciada em Êx 23:16; 34:22; Lv 23:15-21. Festa originalmente agrícola que comemorava a colheita do trigo, associada a gratidão a Deus pelos frutos da terra e a concessão da Lei no monte Sinai. Durante a celebração várias ofertas eram realizadas no templo, compostas principalmente de pães que eram feitos a partir da colheita do trigo.

Festa das trombetas – Ocorre durante Tishrei (set/out); é referenciada em Lv 23:23-25; Nm 29:1-6. É um momento reverenciado no calendário hebraico. Este ritual anual, que coincide com o início do ano novo civil, é marcado pelo significativo ato de tocar as trombetas. Para além de ser uma prática cerimonial, o soar das trombetas adquire uma dimensão transcendental ao simbolizar não apenas a transição temporal, mas também funcionar como um chamado solene à atenção do povo. Estas trombetas, carregadas de simbolismo, não

apenas anunciam o novo ciclo anual, mas também desempenham o papel crucial de alertar para a iminência de eventos proféticos, destacando assim a interligação entre o sagrado e o cotidiano na experiência religiosa judaica.

Dia da expiação – Ocorre durante Tishrei (set/out); é referenciada em Êx 30:10; Lv 23:26-33. Se destaca como o momento no qual o Sumo-Sacerdote desempenha o papel vital de fazer propiciação pelos pecados do povo. Durante essa solene ocasião, o Sumo-Sacerdote adentra o Lugar Santíssimo do tabernáculo, carregando consigo o sangue do sacrifício que será aspergido sobre a arca da aliança. Este ato simboliza a busca pela reconciliação do povo com Deus, uma tentativa de restabelecer a harmonia perdida devido aos transgressões. Em consonância com esse propósito, é prescrito que a comunidade observe o dia com práticas de jejum e aflição, evidenciando o anseio coletivo pela santificação e purificação espiritual. Assim, o Dia da expiação emerge não apenas como um ritual pontual, mas como um catalisador de busca pela reconciliação divina e um renovado compromisso com a santidade.

Festa dos tabernáculos – Ocorre durante Tshrei (set/out); é referenciada em Lv 23:33-43; Nm 29:12-39; Dt 16:13. Relembra a peregrinação de quarenta anos no deserto, os Israelitas eram instruídos a construir cabanas feitas de ramos de árvores e habitá-las durante sete dias, também deveriam fazer peregrinação a Jerusalém para adorar Deus no templo. É um período de reflexão e agradecimento a providência divina tanto pela jornada no deserto quanto pelas colheitas do ano.

Das festas em Levítico que renovam seu significado na tradição cristã.

Dentre as festas e celebrações abordadas em Levítico duas se destacam por compartilhar em si diversas conexões entre o Novo e o Antigo Testamento das mais variadas maneiras, sendo estas a Páscoa e o Pentecostes.

Na Páscoa cristã, o foco central é a crucificação e a ressuição de Jesus Cristo. No entanto, simbolicamente, ela apresenta várias semelhanças com o propósito da Páscoa judaica. Ambas ocorrem em resposta ao clamor do povo, mas enquanto uma libertou os israelitas da escravidão no Egito, a outra libertou a humanidade da escravidão do pecado. No relato bíblico, Deus conduziu os israelitas à Terra Prometida, Canaã, através de Moisés, enquanto no contexto cristão, o destino é o Reino dos Céus. Percebe-se, assim, que em ambos os eventos há a movimentação de um povo em direção a um destino redentor.

No contexto da fé judaica, o Pentecostes, é uma festividade enraizada nas antigas tradições agrícolas, celebrando a colheita dos primeiros frutos. No entanto, na tradição cristã, Pentecostes adquire uma nova dimensão, sendo lembrado como o momento em que os

discípulos de Jesus receberam o Espírito Santo após a ascensão de seu Mestre, capacitando-os para espalhar a mensagem do evangelho e formar a igreja primitiva. Esse evento é interpretado como uma colheita espiritual dos primeiros frutos da redenção, sendo possível destacar as diferenças e relações de percepção entre as duas tradições religiosas em relação a este festival.

Apesar das diferenças, é inegável que tanto a tradição judaica quanto a cristã merecem ser tratadas com o devido respeito e uma análise cuidadosa. É fundamental extrair os significados e implicações de cada uma delas para compreendermos sua riqueza espiritual e cultural. A profundidade de cada tradição deve ser vista como símbolo de uma doutrina virtuosa e da busca sincera por uma conexão mais profunda com o Divino. Somente através dessa abordagem respeitosa e atenta podemos alcançar um entendimento mais completo e uma apreciação mais profunda das diferentes formas de expressão da fé e da busca por Deus.

Contemporaneidade x Antiguidade.

Ao explorarmos a contemporaneidade, a análise a partir da "A Divisão do Trabalho Social" de Durkheim revela-se mais esclarecedora do que a abordagem de "As formas elementares de vida religiosa". Durkheim destaca que, na sociedade contemporânea, os vínculos sociais são forjados não apenas por carisma, mas, primordialmente, pela ocupação de cada indivíduo. As relações sociais adquirem a forma de contratos, refletindo uma complexidade estrutural distinta.

Ao contrário das sociedades primitivas, em que a integração social era alcançada pela comunhão de pensamentos e ideias compartilhadas, na contemporaneidade, a participação ocorre por meio da integração sistemática. Isso implica que os indivíduos agora contribuem para a coesão social não apenas por meio de crenças comuns, mas, principalmente, pelas atividades que desempenham em prol da sociedade.

A distinção entre leis é crucial para a solidariedade social em ambas as sociedades, mas seu aspecto varia. Em sociedades primitivas, como a de Israel no período de Levítico, as leis muitas vezes assumem um caráter de severidade e punição, refletindo a necessidade de manter a coesão por meio da conformidade estrita. Em contraste, em sociedades complexas, as leis adquirem um caráter repositivo, buscando não apenas punir, mas também remediar e reequilibrar as relações sociais.

Dessa forma, a abordagem durkheimiana nos permite compreender como as transformações nas formas de trabalho e nas estruturas sociais moldam os laços sociais na contemporaneidade. O vínculo não é apenas estabelecido por valores compartilhados, mas, de maneira mais preeminente, pela interdependência funcional resultante das diferentes ocupações dos indivíduos.

Ademais, ao analisarmos as sociedades primitivas e complexas, percebemos que a função das leis transcende a simples regulação do comportamento. Elas se tornam expressões de solidariedade e coesão social, refletindo as características e necessidades específicas de cada contexto histórico. Essa perspectiva enriquecida oferece uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas sociais contemporâneas à luz da teoria durkheimiana, realçando a importância das atividades ocupacionais na tessitura do tecido social.

Do entendimento de lei.

O entendimento da lei pode variar significativamente dependendo do pensador doutrinário ao qual se submete a análise. No entanto, dentro da perspectiva sociológica de Émile Durkheim, a lei, tema trabalhado em seu livro “Da Divisão do Trabalho Social”, é concebida como uma força social essencial que muitas vezes passa despercebida pelos leitores casuais. Durkheim emprega uma metodologia metafórica para ilustrar como a lei não é apenas uma imposição externa, mas sim uma expressão intrínseca da estrutura social.

A lei, dentro do pensamento de Durkheim, não é simplesmente uma prescrição escrita emanada de uma autoridade soberana sobre a sociedade, mas sim uma parte integrante e natural da própria estrutura social. Ela simboliza uma força invisível que orienta e regula as atividades sociais, refletindo e reforçando os valores e normas compartilhados pela comunidade. Portanto, a lei não é algo separado ou externo à sociedade, mas sim uma manifestação da consciência coletiva que une os membros da sociedade em torno de normas comuns, promovendo assim a coesão social e a solidariedade.

Dentro do escopo das leis a solidariedade social ocupa um papel central, sendo assim, Durkheim dá a devida atenção ao tópico trazendo à tona dois tipos fundamentais de solidariedade social: a solidariedade mecânica e a solidariedade orgânica. A solidariedade mecânica, observada em sociedades tradicionais, é caracterizada pela forte coesão entre os membros, que compartilham crenças, valores e atividades semelhantes. Em contrapartida, a solidariedade orgânica, típica das sociedades modernas, emerge da interdependência entre os indivíduos, fundamentada na divisão do trabalho e na complementaridade de funções. Esses conceitos, embora distintos, oferecem uma compreensão profunda das dinâmicas sociais ao longo da história e do desenvolvimento da sociedade humana.

Para Durkheim, a solidariedade mecânica prevalece em sociedades menos complexas, onde as relações sociais são baseadas na semelhança e na conformidade com as normas sociais compartilhadas. Por outro lado, a solidariedade orgânica surge em sociedades mais complexas, onde a especialização e a interdependência são incentivadas pela divisão do trabalho. Essa evolução na forma de solidariedade reflete a transição das sociedades tradicionais para as modernas, marcada pela crescente complexidade social e



pela diversidade de funções sociais desempenhadas pelos indivíduos. É importante notar que, para Durkheim, ambas as formas de solidariedade são essenciais para o funcionamento saudável da sociedade, cada uma atendendo às necessidades específicas de diferentes contextos sociais.

Identidade religiosa x suicídio.

É importante notar que, embora Émile Durkheim tenha se concentrado principalmente em análises sociológicas e estatísticas em seu livro "O Suicídio", ele também abordou algumas implicações religiosas associadas ao fenômeno. Apesar de não ser o foco principal de sua obra, Durkheim reconheceu a influência da religião na vida social e, por extensão, no comportamento suicida. Uma das implicações religiosas que ele aborda é a função integradora da religião na sociedade. Durkheim argumenta que a religião desempenha um papel crucial na integração social, fornecendo um conjunto compartilhado de crenças, valores e normas que unem os membros de uma comunidade. Nesse sentido, comunidades religiosas fortes podem oferecer apoio emocional e social que pode reduzir o risco de suicídio, fornecendo uma fonte de solidariedade e pertencimento.

Além disso, Durkheim reconhece que a religião muitas vezes oferece às pessoas um sentido de propósito e significado na vida, fornecendo explicações para questões existenciais e transcendentais. Ele sugere que a falta de significado ou propósito na vida pode contribuir para o desespero e a alienação, fatores que aumentam o risco de suicídio. Outra implicação religiosa abordada por Durkheim é a presença de proibições religiosas contra o suicídio em muitas tradições. Ele observa que muitas tradições religiosas têm proibições explícitas contra o suicídio, considerando-o um pecado ou uma transgressão contra a vontade divina. Essas proibições podem atuar como uma forma de controle social, desencorajando o comportamento suicida e reforçando as normas sociais que promovem a vida e a integração comunitária.

Por fim, Durkheim também discute como as mudanças na estrutura religiosa da sociedade podem ter efeitos complexos sobre as taxas de suicídio. Ele observa que a secularização e o declínio da religião institucionalizada podem levar a um aumento do individualismo e da anomia, fatores que podem contribuir para o aumento das taxas de suicídio. Portanto, enquanto a religião pode oferecer proteção contra o suicídio em algumas circunstâncias, as mudanças na vida religiosa da sociedade também podem ter implicações para o comportamento suicida. Essa análise de Durkheim destaca a complexidade das interações entre religião, sociedade e comportamento suicida, demonstrando como esses fatores estão intrinsecamente ligados e influenciam uns aos outros de maneiras multifacetadas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condução do processo de iniciação científica foi, sem dúvida, desafiadora, porém extremamente enriquecedor. Os objetivos propostos foram não apenas atendidos, mas também cuidadosamente delimitados, delineando uma investigação que demandou uma abordagem minuciosa para esclarecer temas aparentemente distintos, mas intrinsecamente interligados. A complexidade desses tópicos revelou-se surpreendente, exigindo uma análise profunda e cuidadosa para desvendar as intrincadas inter-relações que emergiram ao longo do estudo.

4. REFERÊNCIAS

- DURKHEIM, É. **As Formas Elementares de Vida Religiosa**. 1ª edição ed. 1 dezembro 2001 2001. 853491883X.
- JAMES, K. Levítico. *In*: **Bíblia King James 1611 de Estudo Holman**. 6ª Edição ed.: BV Books, 2022.
- Durkheim, Émile. **A divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- Durkheim, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.
- Durkheim, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- Steven Lukes, **Émile Durkheim: su vida y su obra**. Madrid, Siglo XXI, 1984.

Contatos:

e-mail aluno: rafarotondaro@gmail.com

e-mail orientador: sergio.santos@mackenzie.br

